

Sobre um Mondlane asséptico

Dom. 27/6/99

OS moçambicanos acabam de observar o 79º aniversário do nascimento de Eduardo Chivambo Mondlane.

Lendo, observando e escutando o que alguns dizem e escrevem sobre Mondlane, sinto-me constrangido a acreditar que se tenta criar uma pessoa distinta com o mesmo nome, rosto, história familiar, mas nada coincidente no resto com o Mondlane real.

Busca-se impor por todos os modos um Mondlane, apenas episodicamente ligado à FRELIMO, essencialmente apolítico e sobretudo apartidário, merecendo o seu lugar maior na histórica pátria por todas as razões, menos o seu papel decisivo na FRELIMO.

Bom pai de família, excelente pensador e antropólogo, docente universitário excepcional, funcionário internacional, com certeza patriota e pronto! Fundador da FRELIMO com outros, na FRELIMO integrado, homem que com outros decidiu o desencadeamento da luta armada de libertação, ponto de partida do pensamento moçambicano, que em Mondlane não se esgotou, nem dele apenas nasceu, sobre a unidade nacional, o poder popular, combatente consequente anti-imperialista, defensor e promotor no nosso seio das ideias da democracia e do socialismo, alvo privilegiado do colonialismo português e das forças reaccionárias moçambicanas, esse Mondlane bem moçambicano e frelimista, esse considera-se inaceitável.

Um Mondlane apolítico, apartidário, asseptizado e sobretudo anti-FRELIMO, esse sim, esse o Mondlane que ora este ou aquele procuram inventar ou promover, para benefício do pensamento e correntes que sempre combateram o Mondlane real.

Descontextualizar Mondlane, torná-lo apolítico e sobretudo considerá-lo anti-FRELIMO ou, o que não difere na essência, anti-FRELIMO actual, constitui um exercício bem desonesto de pensamento.

Acusar a FRELIMO de usar o nome do seu fundador, acusar a FRELIMO de valorizar para fins partidários o pensamento e a obra de Mondlane ou de haver traído Mondlane, faria rir, se tais afirmações não partissem de frustrações, rancores mesquinhos e ódio permanentes à gesta da libertação nacional.

Não se pode rescrever a história com honestidade e ciência. Não se pode pretender que a história assumiria uma outra configuração, se tal homem nunca existisse ou ainda vivesse.

Por importante o papel do indivíduo no desenrolar da história, os eventos, as mutações radicais ocorrem na confluência dos grandes movimentos de massa, de causas económicas e sociais profundas.

A insanidade mental do Rei Georges não determinou a independência americana, mas sim o conflito essencial entre os interesses dos colonos e da metrópole. A revolta de Spartacus, heróica e magnífica não emancipou os escravos na sua época e a vitória de Crassus correspondia à correlação de forças económicas e sociais da Roma imperial e expansionista.

A resistência à conquista colonial, a oposição à opressão, determinaram o surgimento da FRELIMO e dos homens que fizeram a luta de libertação nacional, incluindo Mondlane, mas não apenas ele, Mondlane não se reduz a um D. Quixote, isolado dos homens e refugiado no sonho.

No seu "Lutar por Moçambique" Mondlane não propõe um has-tear apenas de nova bandeira ou mutação da etnia dos governantes. Toda uma concepção classista emerge da obra e pensamento de Mondlane, que determinou as decisões do II Congresso e dos Congressos subsequentes da FRELIMO. A última entrevista concedida por Mondlane a Aquino de Bragança em Khartoum, poucos dias antes do seu assassinato, conclui com a afirmação inequívoca dos ideais do socialismo e da democracia. O não racismo e o pensamento de unidade nacional de Mondlane radicam-se na concepção socialista e classista.

Certas "homenagens" rendidas a Mondlane pelos que buscam compromissos e benesses do colonialismo, só constituem exercício de formadores da imagem dum figura maior de Moçambique e da FRELIMO, tentativas e vãs de apagar a memória moçambicana. Preservar a autenticidade de Mondlane e difundir e popularizar a sua dimensão real de pensamento e acção, constituem imperativos da educação patriótica e fonte preciosa das nossas concepções de democracia, desenvolvimento e justiça social.

Por isso tudo um grade aplauso e louvor à Janet e família, a Chissano e todos que no "celebrar a vida de Mondlane" repuseram o nome e a história, situaram-no nesta moçambicanidade gerada por ele, nesta FRELIMO que sempre o assume como seu fundador.

Para todos que valorizam o Mondlane real, o meu abraço.

SÉRGIO VIEIRA

P.S. Tomei nota, com atenção, que por difamação nas páginas de um semanário – e por que não, de qualquer meio de comunicação social, independentemente da periodicidade – poderei reclamar somas da ordem dos trinta mil milhões de meticais, ao autor do acto e ao meio de comunicação.

Aguardo momento de fazer fortuna!

Entretanto, vou-me contentando com pedidos de desculpa públicos.

Um abraço ao Gabriel Simbine e ao domingo.